

# A SINTAXE E A MORFO-SINTAXE NAS GRAMÁTICAS DESCRITIVAS DO SÉCULO XX

Gabriela Ardisson Matos  
DLGR - FLUL

## 1. Um padrão actualmente corrente de Gramática Descritiva

Se aceitarmos que as obras de QUIRK, GREENBAUM, LEECH e SVARTVIK 1972, 1985 — respectivamente, *A Grammar of Contemporary English*, Longman, England, e *A Comprehensive Grammar of English Language*, Longman, England —, ou a obra de SINCLAIR et alii (eds) 1990 *English Grammar*, Collins Cobuild, Harper Collins Publishers, England, estabelecem o padrão a que deve obedecer uma Gramática Descritiva, então teremos que reconhecer que, até ao momento, não existem Gramáticas Descritivas do Português.

De acordo com este padrão, actualmente largamente aceite, uma Gramática Descritiva caracteriza-se não só pelos seus *objectivos*, a descrição da língua, mas por diversos outros parâmetros: pela *atitude* assumida na caracterização do objecto de análise; pelo *tipo de materiais considerados* na descrição; pela *metodologia utilizada* tanto na *recolha e tratamento* desses materiais, como na *apresentação final* da descrição.

Assim, baseando-nos em QUIRK et alii 1985 diríamos que uma Gramática Descritiva deve observar os seguintes requisitos:

- (1) (i) Objectivo: a Gramática deve descrever os padrões em uso de uma língua particular, destacando, sempre que relevante, as suas diferentes variedades.
- (ii) Atitude: a análise deve ser desprovida de atitudes prescritivas e visar apenas as regularidades imanentes da língua;

## (iii) Metodologia

- a. de pesquisa: para alcançar o "realismo" na descrição gramatical, as gramáticas devem ser elaboradas a partir de *corpora* orais e escritos extensos, controlados por testes de frequência relativa, que permitam apurar quantitativamente a relevância, na língua, das unidades a descrever<sup>1</sup>.
- b. de exposição: as regularidades captadas devem ser apresentadas com um mínimo de formalismo e de aparato teórico, ainda que este último possa condicionar as posições assumidas.

Nenhum dos manuais de gramática do Português actualmente disponíveis obedece cumulativamente a estes parâmetros, em especial, nenhum deles tem por base um *corpus* oral e escrito, variado, e quantitativamente controlado. Deste ponto de vista, até as obras mais susceptíveis de serem incluídos na rubrica Gramáticas Descritivas do Português, terão de ser excluídas – é, por exemplo, o caso da obra de Celso CUNHA 1972 *Gramática do Português Contemporâneo*, Editora Bernardo Álvares, Belo Horizonte, Brasil.

Porém, a definição de Gramática Descritiva previamente apresentada não é a única. De facto, como veremos na secção seguinte, o termo tem vindo a assumir diferentes significados consoante as correntes de pensamento linguístico adoptadas. Frequentemente, muitos desses significados foram cumulativamente incorporados nas definições mais recentes do termo.

## 2. Aceções do Termo "Gramática Descritiva" em Obras do Século XX

Dicotomias como as abaixo explicitadas, correntemente aceites nos nossos dias como opondo a Gramática Descritiva a outros tipos de estudo sobre a linguagem, não foram sempre assim estabelecidas.

### (2) Gramática Descritiva vs Gramática Normativa

Gramática Descritiva vs Gramática como Representação de uma Realidade Mental

Gramática Descritiva vs Gramática Teórica

A observação de estudos gramaticais do século XX permite-nos constatar que essas dicotomias, como outras prévia e posteriormente

estabelecidas, são cronologicamente datáveis. Nas três subsecções seguintes, este facto será ilustrado através da análise de obras representativas da gramática tradicional, da linguística estruturalista e da gramática generativa.

### **2.1. Gramática Descritiva vs Gramática Histórica**

Em Manuel SAID ALI *Grammática Secundária da Língua Portuguesa*. Cª Melhoramentos, São Paulo, o termo Gramática Descritiva opõe-se ao de Gramática Histórica.

Segundo o autor, "*gramática histórica* é aquela que estuda a evolução dos diversos factos da língua desde a sua origem até à época presente. *Gramática descritiva* é aquela que expõe os factos da língua actual." (cf., op. cit., p. 5)

Para Said Ali, a gramática *descritiva* pode ser *prática* quando visa ensinar a falar e a escrever correctamente; ou *científica* quando procura esclarecer vários factos à luz da ciência da linguagem e da gramática histórica" (op. cit., p. 5).

Vemos pois que o termo Gramática Descritiva já ocorre numa obra representativa da tradição gramatical, e que neste contexto, as oposições entre Gramática Descritiva vs Gramática Normativa e Gramática Descritiva vs Gramática Científica ou Teórica não se estabelecem.

### **2.2. Gramática Descritiva vs Gramática Normativa, Gramática como Representação de uma Realidade Mental**

Um conceito diverso de Gramática Descritiva surge em J. Mattoso CÂMARA Jr., 1969 *Estrutura da Língua Portuguesa*, Editora Vozes Lda, Petropolis, RJ, Brasil, 1970. Adoptando a perspectiva estruturalista, Mattoso Câmara define Gramática Descritiva ou sincrónica como "o estudo do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona, num dado momento, como meio de comunicação entre os seus falantes, e na análise da estrutura, ou configuração formal, que nesse momento a caracteriza." cap.I, p.1.

Para o autor, a Gramática Descritiva dever abordar o estudo da língua de uma perspectiva sincrónica, não prescritiva e não inatista ou seja, nos termos do próprio autor, "(...) isenta de "parti-pris" purista e

normativo, e (...) distanciada de preconceitos nativistas (...) (cf. op. cit. "Advertência").

Rejeitando a tradição racionalista, retomada por Chomsky, Mattoso Câmara considera que o estudo da língua, ou Gramática Descritiva, é do âmbito da Linguística, e que esta deve ser concebida como uma disciplina autónoma da Psicologia.

Estas considerações mostram-nos que muitos dos sentidos actualmente correntes do termo Gramática Descritiva foram fixados no âmbito da Linguística Estrutural – é o caso das oposições: Gramática Descritiva vs Gramática Normativa; Gramática Descritiva, caracterização da língua enquanto sistema de comunicação vs Gramática "mentalista", caracterização da Língua enquanto estrutura psíquica inata.

### 2.3. Gramática Descritiva vs Gramática Teórica

Uma outra dicotomia amplamente divulgada é a que opõe Gramática Descritiva e Gramática Teórica. Aparentemente o sentido desta oposição é o de evidenciar que preconceitos de ordem teórica não devem camuflar as regularidades imanentes dos dados.

Porém, não é óbvio que os dois termos se oponham, ou mesmo que seja possível proceder a uma descrição fora de um quadro teórico que permita estabelecer conceitos e uma rede de relações entre conceitos.

Para muitos linguistas actuais, embora a oposição Gramática Descritiva vs Gramática Teórica seja reconhecida, é enfatizada a complementaridade destes dois estudos. PERINI 1989, *Sintaxe Portuguesa – Metodologia e Funções*, Editora Ática, São Paulo, é um representante desta posição. Perini defende que "o desenvolvimento da teoria linguística pressupõe a existência de gramáticas descritivamente adequadas" e que "há uma relação ideal de simbiose entre a descrição e a teorização, de modo que não se pode trabalhar com uma sem lançar mão da outra." (op. cit., cap.1, pp. 10-11).

Para outros linguistas, porém, a referida dicotomia é desprovida de qualquer sentido. Assim, no paradigma Chomskiano, o termo Gramática Descritiva é aproximado do de Gramáticas das Línguas Particulares, por oposição a Gramática Universal: às Gramáticas Particulares cabe caracterizar exaustivamente essas Línguas; à Gramática

Universal, explicitar os mecanismos inatos que as explicam.

Neste quadro teórico, Gramática Descritiva não se opõe a Teoria Linguística. Toda a gramática é concebida como uma teoria que tem por objecto de estudo a Língua, caracterizada, como uma estrutura cognitiva que não tem por função exclusiva a comunicação. (cf. CHOMSKY 1986, *Knowledge of Language*, Praeger. New York, p.53)

Em suma, uma breve panorâmica cronológica do termo "Gramática Descritiva", mostra-nos a sua variabilidade de acepções e evidencia que as usuais dicotomias opondo o estudo da Gramática Descritiva a outros tipos de estudo (Gramática Descritiva vs Gramática Normativa, Gramática "Mentalista", Gramática Teórica) nem sempre foram estabelecidas do mesmo modo. As referidas oposições reflectem o legado da linguística estrutural europeia e norte-americana, cuja relevância para o estabelecimento da Linguística como ciência é incontestável, mas que, nem por isso, deve anular a importância dos estudos sobre a linguagem que a antecederam e seguiram.

### **2.3. O conceito de Gramática Descritiva Adoptado**

O problema que seguidamente se coloca é o de estabelecer uma noção suficientemente ampla de Gramática Descritiva em que caibam todas as obras que no século XX reconhecemos como tal.

Neste trabalho, será considerada Gramática Descritiva toda a obra que vise uma caracterização sincrónica global, o mais exaustiva possível, do sistema linguístico .

Note-se que esta definição não impõe restrições à forma como se concebe o sistema linguístico – normas de uso, sistema de comunicação, estrutura cognitiva interiorizada pelo falante.

Evidencia, porém, a complexidade do objecto de descrição, ao definir a língua como um sistema, ou seja, como um conjunto de elementos (unidades, regras, princípios) autónomos mas interdependentes.

Permite-nos ainda operar uma selecção nos estudos descritivos sobre o Português de que nos vamos ocupar: estes devem abordar a língua de uma forma global. Deste modo, não serão considerados estudos sintácticos monográficos sobre o Português, embora eles sejam importantes e numerosos.

Não serão também consideradas obras que que não forneçam uma panorâmica global das unidades, regularidades e construções

características do Português, ainda que recubram exaustivamente fragmentos importantes da Sintaxe do Português. Deste modo, estarão fora do âmbito da nossa análise obras como as de Winfried BUSSE e Mário VILELA 1986, *Gramática de Valências*, Livraria Almedina. Coimbra; Eduardo P. RAPOSO 1978 *Introdução à Gramática Generativa—Sintaxe do Português*. Moraes Editora, Lisboa <sup>2</sup>.

Por outro lado, há obras que, embora não se assumam como Gramáticas, fornecem um contributo importante à descrição Sintáctica e Morfo-Sintáctica do Português devido ao vasto número de fenómenos analisado. É o caso de obras como as de Manuel Rodrigues LAPA 1945 *Estilística da língua portuguesa*, 1ª ed., Seara Nova, Lisboa, 11ª ed, revista, corrigida e aumentada. Coimbra Editora, Coimbra, 1984; e de João A. PERES e Telmo MÓIA 1995 *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa<sup>3</sup>. Limitar-me-ei, contudo, a obras que assumem explicitamente a estrutura característica de uma gramática, descrevendo sistematicamente a língua nos seus diferentes níveis de representação.

Em suma, embora a definição de Gramática Descritiva proposta seja pouco restritiva em termos dos pressupostos teóricos que lhe estão subjacentes ou da metodologia de recolha e tratamento dos dados, ela é exigente quanto ao conjunto de fenómenos que a Gramática deve tratar.

### 3. A Sintaxe e a Morfo-Sintaxe nas Gramáticas Descritivas do Século XX em Português

Como dissemos no século XX, não há um único modelo de Gramática Descritiva. Tentativamente, distinguirei três tipos fundamentais que designarei por: Gramáticas pré-estruturalistas, Gramáticas com influências estruturalistas e Gramáticas baseadas no paradigma generativo e na análise do discurso.

#### 3.1. Gramáticas Descritivas pré-estruturalistas

No século XX, Manuel Said Ali é um dos mais ilustres representantes da Gramática Descritiva Normativa, ou Prática – vejam-se as suas *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, Brasil e *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, 8ª ed., Edições Melhoramentos, São Paulo, Brasil.

De acordo com a tradição gramatical, nestas obras, o objecto de estudo da Sintaxe é claramente delimitado do da Morfologia, ou Lexeologia (designação utilizada na *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, secção "A gramática e as suas divisões" (p. 6)). À Sintaxe compete "o estudo das orações e das palavras consideradas como partes da oração", à Lexeologia, o estudo dos vocábulos, tendo em vista a sua inclusão em classes e a explicitação das suas regularidades, variações e excepções.

A Sintaxe é tratada num capítulo denominado "Sintaxe e Estilística", que integra, além dos tópicos característicos da análise sintáctica, outros que se inscrevem no âmbito da Estilística, entendida como herdeira da Retórica Clássica, ou seja, a arte da expressão, em particular literária. É o caso das "Figuras de Sintaxe". Esta inclusão segue o esquema tradicional, esboçado para o Português desde a *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, 1540, que inclui uma secção sobre as "Figuras", e que se mantém presente até aos séculos XIX-XX (veja-se, por exemplo, A. Epifânio da Silva DIAS, 1870, *Gramática Practica da Língua Portuguesa*).

No entanto, um outro conceito de Estilística aparece implicitamente na *Gramática Secundária* — o de estudo dos recursos expressivos da língua não literária —, característico da Estilística Estruturalista<sup>4</sup>. Assim, por exemplo, depois de caracterizar as orações condicionais, especificando as suas condições de uso, Said Ali adiciona uma secção com o título "Equivalentes estilísticas das orações condicionais", em que confronta orações subordinadas condicionais conjuncionais, com orações coordenadas (cf. (3i)) , ou com orações sem conjunção condicional explícita (cf. (3ii)):

- (3) (i) Toma este remédio e ficarás curado [=Se tomares este remédio ficarás curado]  
(SAID ALI, *Gramática Secundária...*, p. 189)  
(ii) Não estivesse eu doente, não me encontrariam tão depressa  
[= Se eu não estivesse doente, não me encontrariam tão depressa]  
(SAID ALI, *Gramática Secundária...*, p. 190)

Apesar de formalmente pouco inovadora, a *Gramática Secundária* de Said Ali é importante do ponto de vista sintáctico pelo conjunto de fenómenos que abarca. A parte da Gramática dedicada à Sintaxe e à Estilística inclui:

- (4) (i) uma secção sobre a *oração*, que comporta nomeadamente a caracterização de *tipos de frases* (declarativa, interrogativa, imperativa, afirmativa e negativa), *termos constitutivos da oração* (primários, integrantes e acessórios), *oração simples e composta*
- (ii) secções sobre os *processos de formação de orações complexas* – coordenação e subordinação, incluindo uma tipologia das orações subordinadas
- (iii) uma secção sobre a *concordância entre termos da oração*
- (iv) secções sobre o *emprego de certas classes de palavras*, entre as quais, os verbos, especificando regras de uso dos tempos e dos modos
- (v) uma secção sobre a *colocação* dos termos na oração, e dos pronomes átonos
- (vi) *figuras de sintaxe* (elipse, pleonasma e anacoluto)

Independentemente da sua finalidade pedagógica, a *Gramática Secundária* de Said Ali fornece-nos uma caracterização cuidadosa e sagaz de um número significativo de estruturas e construções sintácticas do Português.

No tocante à Sintaxe e à Morfologia, um exemplar empobrecido deste esquema tradicional ocorre em Pilar Vasquez CUESTA e Maria Albertina Mendes da LUZ 1949 *Gramática Portuguesa*, 3ª edição, Editorial Gredos, Madrid, 1971. Trad. Port., 1980 *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, Lisboa. Nesta obra, a Morfologia limita-se a descrever as classes de palavras e os seus paradigmas de flexão, e a Sintaxe a caracterizar as "particularidades de emprego" de cada uma das classes de palavras especificadas na Morfologia.

Este trabalho apresenta, porém, a particularidade de proceder frequentemente a uma análise comparativa, confrontando o Português com o Espanhol e o Galego, e cotejando entre si diversas variedades do Português.

Em suma, se tomarmos como medida de avaliação de uma Gramática Descritiva o leque de fenómenos empíricos analisados, não podemos deixar de reconhecer que as Gramáticas Tradicionais devem, a justo título, ser consideradas como os seus primeiros marcos.



### 3.2. Gramáticas Descritivas com influências estruturalistas

Não existe um exemplar acabado de Gramática Descritiva de cunho estruturalista para o Português. Com efeito, o trabalho que se propunha atingir este objectivo não foi terminado por morte do autor. Estou a referir-me à obra de J. Mattoso da CÂMARA Jr. 1970 *Estrutura da Língua Portuguesa*. Editora Vozes Lda, Petropolis, RJ, Brasil.

Nesta obra, em que estão presentes a influência do Estruturalismo Europeu e Norte Americano<sup>5</sup>, esboça-se uma análise Morfo-Sintáctica do Português que não ultrapassa o nível da palavra. Com efeito, o estudo da frase não é abordado.

Contudo, a influência estruturalista, fez-se sentir em Gramáticas Descritivas de base tradicional, como em Evanildo BECHARA, *Moderna Gramática Portuguesa*, 33<sup>a</sup> ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, 1989 ou em Celso CUNHA, 1972 *Gramática do Português Contemporâneo*, Editora Bernardo Álvares, Belo Horizonte, Brasil.

A *Moderna Gramática Portuguesa* de E. Bechara é um compêndio escolar que, nas palavras do próprio autor, concilia "o resultado dos progressos dos modernos estudos de linguagem" com a "tradição secular". (cf. Prefácio). Esta confluência de conhecimentos é evidente na coexistência de noções definidas em conformidade com o pensamento estruturalista com outras caracterizadas de acordo com a tradição gramatical. No primeiro caso encontra-se, por exemplo, a definição de Sintaxe, no segundo a de Sujeito:

- (5) a. "A Sintaxe é o estudo dos *padrões estruturais* de uma língua determinados pelas relações recíprocas na oração e das orações no discurso." E. BECHARA, op. cit., III, p. 197.
- b. "Sujeito é o termo da oração que denota a pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos uma acção, estado ou qualidade." E. BECHARA, op. cit., III, p. 199.

Como o próprio autor afirma, A estrutura da obra é preponderantemente tradicional. Assim, embora inclua uma secção sobre "estruturação das palavras e sua formação" de orientação estruturalista, não elabora uma Morfo-Sintaxe. A organização da Sintaxe segue o padrão clássico, já presente em Said Ali, debruçando-se sobre o estudo da Sintaxe das Orações e da Sintaxe dos Vocábulos.

Um dos aspectos inovadores da obra é o de integrar explicitamente uma Estilística da Língua, subdividida em áreas (estilística fónica, morfológica, sintáctica e semântica). Em capítulo separado, dedicado ao tema, Bechara especifica que à estilística sintáctica caberia a explicação do valor expressivo das construções, debruçando-se sobre tópicos como, por exemplo, a concordância (regular ou excepcional), a colocação dos termos na oração, ou mesmo "o emprego expressivo das figuras de sintaxe — elipse, pleonasma, anacoluto, anteposição de unidades, etc.

A *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso CUNHA (1972), é integrada com poucas alterações na obra conjunta de Celso CUNHA e Luís F. Lindley CINTRA 1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, Lisboa. Porém, muitos dos pressupostos que justificam a forma e o conteúdo da Gramática só estão patentes na obra de 1972.

CUNHA 1972 explicita, na "Advertência", que a obra não pretende ser "uma gramática de base estrutural, ou mesmo funcional", embora procure "apresentar os fatos da língua como sistemáticos e solidários". Destaca a influência estruturalista no método adoptado no estudo das classes de palavras — o de "examinar a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfo-sintaxe". Afirma, ainda, adoptar a perspectiva da Estilística Estruturalista, tendo sempre a preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma (cf. p. 10).

A estrutura da Gramática apresenta inovações relativamente ao modelo clássico, integrando numa arquitectura geral inspirada na Morfo-Sintaxe, as aquisições gramaticais da Gramática Tradicional do século XX.

Assim, não é feita a divisão da Gramática em componentes, não existindo, por exemplo, uma secção dedicada à Sintaxe, por oposição à Morfologia. Nos capítulos incidindo sobre o contínuo Morfologia-Sintaxe, os capítulos 4 a 6 são dedicados à caracterização estrutural das unidades linguísticas máximas de cada um destes domínios — a palavra (cap.4), e a frase (cap. 6).

Os capítulos subsequentes estudam as diferentes classes de palavras, numa perspectiva próxima da tradicional,

- (6) (i) definindo cada classe em termos semânticos e formais
- (ii) caracterizando os seus paradigmas de flexão (e derivação)
- (iii) analisando sintacticamente cada classe em termos de
  - modos de empregos (ou situações de uso características),
  - relações de concordância
  - padrões de ordem típicos
  - subtipos de regência
  - valor estilístico

A Gramática inclui ainda, entre outros, um capítulo sobre as figuras de Sintaxe, e outro dedicado aos tipos de discurso (directo, indirecto, indirecto livre)

A coexistência das influências estruturalistas e da Gramática tradicional está igualmente presente na metodologia utilizada na caracterização das unidades linguísticas. Enquanto a análise dos elementos constitutivos da palavra é feita predominantemente em moldes estruturalistas (cf. (7)), a da frase, repousa exclusivamente na determinação tradicional dos termos da oração enquanto unidades relacionais (cf. (8)):

- (7) "Existem (...) unidades de som e conteúdo menores que as palavras. (...). A essas unidades significativas dá-se o nome de MORFEMA." (CUNHA 1972, cap.4, "Palavra e Morfema, p.53).  
"Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. (...) A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIJO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA." (CUNHA, 1972, cap. 4, "Estrutura das Palavras", p. 56)
- (8) "São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO. O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do sujeito. (CUNHA 1972 "A Oração e os seus termos essenciais", p. 87).

Note-se, porém, que em CUNHA e CINTRA 1984 uma alteração é introduzida que, se mais articulada, poderia acentuar a orientação estruturalista da Gramática – essa alteração consiste na explicitação de que os termos da oração são constituídos, não por categorias lexicais isoladas, mas por constituintes sintagmáticos que se estruturam hierarquicamente.

### 3.3. Gramáticas Descritivas baseadas no paradigma generativo e na análise do discurso

A representante em Portugal deste tipo de gramática descritiva é a obra de MATEUS, Maria Helena, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE e Isabel Hub FARIA 1984 *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª edição aumentada e com a colaboração de Alina VILLALVA, Caminho, Lisboa, 1992.

Este trabalho assume-se como uma gramática descritiva, não-normativa, que visa caracterizar adequadamente não só a estrutura do sistema linguístico, como os factores pragmáticos que intervêm na comunicação (cf. "Prefácio à segunda edição", p. 9), procurando "abarcá-los, de forma global e sistemática, os fenómenos mais relevantes dos níveis fonológico, morfológico, sintáctico, semântico e pragmático da língua portuguesa" (Introdução, p. 12).

À Sintaxe cabe fundamentalmente o estudo da estrutura da frase e dos seus elementos constitutivos. São consideradas propriedades sintácticas relevantes, fundamentalmente as seguintes:

- (9) (i) a ordem de palavras
- (ii) as relações gramaticais ou funções sintácticas
- (iii) as categorias sintácticas e a sua estrutura
  - 1. classes de palavras e de sintagmas
  - 2. estrutura das frases simples
  - elementos constitutivos
  - concordância.
- (iv) construções e tipos de frase simples
  - 1. sujeito nulo, inversão do sujeito e sujeito arbitrário.
  - 2. construções inacusativas, predicativas e passivas;
  - 3. frases com tópicos e focos marcados
  - 4. negação frásica, frases interrogativas directas, frases imperativas
- (v) construções de coordenação
- (vi) construções de subordinação completivas, relativas, condicionais, finais, contrastivas, temporais, de graduação)
- (vii) contextos sintácticos que determinam a interpretação de pronomes

Na Sintaxe a influência do paradigma generativo é visível: (i) a análise estrutural das categorias sintácticas é sistematicamente empre-

endida, determinando-se as relações de estrutura hierárquica e de ordem dos constituintes entre si; (ii) o estudo das relações ou funções sintácticas que os constituintes desempenham é destacado, propondo-se critérios formais para a sua determinação, em vez de definições nocionais; (iii) finalmente aspectos que conheceram um desenvolvimento sintáctico no seio da Gramática Generativa são integrados — é o caso dos contextos sintácticos que condicionam a interpretação dos pronomes.

O conjunto de fenómenos abordados é significativo, embora nem sempre a articulação entre os capítulos seja explicitada de forma a evidenciar plenamente a estrutura hierárquica do edifício sintáctico subjacente.

#### 4. Conclusões

O estudo efectuado sobre a Sintaxe e a Morfo-Sintaxe nas Gramáticas Descritivas do século XX permite-nos tirar algumas conclusões.

- (10) (i) Em todas estas abordagens, independentemente das posições teóricas assumidas, existem dois *denominadores comuns*: a aceitação de que a Gramática Descritiva tem de analisar a língua de uma perspectiva sincrónica; e a aceitação de que para descrever a Língua é necessário ter potencialmente em consideração todos os factos que permitem caracterizar as suas estruturas e construções.
- (ii) Relativamente ao *domínio empírico* da Sintaxe considerado pelos diferentes modelos gramaticais analisados, uma outra conclusão parece impor-se: ainda que progressivamente repensado à luz das sucessivas conceptualizações e metodologias de trabalho, e enriquecido com a incorporação de novos fenómenos, o elenco básico de fenómenos sintácticos a analisar já se encontrava esboçado na tradição gramatical de inícios do século XX.
- (iii) Finalmente, a análise das Gramáticas Descritivas existentes parece revelar que, com o evoluir do tempo, o que fica no trabalho científico não são tanto as divergências que a dado momento opõem as correntes de pensamento, mas os aspectos confluentes integráveis num edifício científico novo.

No que diz respeito à cobertura sintáctica de uma gramática descritivamente adequada de uma língua particular, parece ser actualmente incontestável que ela deve sistemática e explicitamente abordar, no mínimo, os seguintes tópicos:

- (11) (i) as categorias linguísticas em termos da *classe de constituintes* – classe de palavras, classes de grupos de palavras (sintagmas, frases, etc);
- (ii) as regularidades da sua combinação, indicando as *relações de dependência hierárquica* entre as classes de unidades, a *ordem básica* por que ocorrem as (sub)classes de categorias linguísticas, os *processos de combinação de unidades* (coordenação, subordinação,...);
- (iii) as relações de *concordância* entre constituintes;
- (iv) as *funções sintácticas* desempenhadas pelos constituintes quando integrados em unidades sintácticas mais vastas (sintagmas, orações), tendo em vista
  - a. as propriedades de selecção das palavras que funcionam como núcleo desses sintagmas ou orações,
  - b. a posição que ocupam;
- (v) os *padrões de ordem não-básica* de constituintes, induzidos quer pela presença de *unidades lexicais* (ex: presença de uma palavra relativa), quer por *factores pragmáticos* (ex. colocação pós-verbal de elementos focalizados);
- (vi) os contextos que possibilitam a co-referência ou a referência anafórica entre as unidades linguísticas;
- (vii) os contextos que possibilitam a omissão de unidades sintácticas (ou elipse).

Se as Gramáticas de Quirk et alii servem de modelo à Gramática Descritiva, não é só por definirem de uma forma específica os seus objectivos e apresentarem uma metodologia particular, mas sobretudo porque cobrem de uma forma sistemática um conjunto vasto de fenómenos significativos de uma língua particular, e os caracterizam pertinentemente.

## Notas

<sup>1</sup> Em QUIRK, Randolph e Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH e Jan SVARTVIK 1985 *A Comprehensive Grammar of English Language*. Longman. England, foram utilizados os seguintes corpora: *Corpus do Survey of English*

*Usage* (SEU) (textos falados e escritos); *Brown University corpus* — exemplos de inglês americano impresso; *Lancaster-Oslo/Bergen corpus* (LOB) — exemplos de inglês britânico impresso.

A obra de SINCLAIR, John et alii (eds) 1990 *English Grammar*, Collins Cobuild, Harper Collins Publishers, England, baseia-se em dados do discurso oral e nos textos escritos da *Birmingham Collection of English Texts*.

- <sup>2</sup> Em W. BUSSE e M. VILLELA 1986 não há o objectivo de elaborar uma Gramática Descritiva. Os próprios autores afirmam que "a Gramática de Valências pretende ser apenas uma visão geral da sintaxe e da semântica do verbo, dentro de uma concepção de gramática que, sem ser nova, sistematiza de modo novo os factos da língua." (Prefácio, p.5). O estabelecimento para cada classe de verbos das estruturas de dependentes sintácticos e dos papéis semânticos que lhes podem ser associados constitui o essencial deste modelo de análise.

Como o título da obra indica, em E. RAPOSO 1978 o alvo da análise é a Sintaxe. Porém, não há o fito de cobrir sistematicamente as construções do Português, mas apenas alguns fragmentos da Língua, a fim de ilustrar uma metodologia de análise da língua. Independentemente destes objectivos metodológicos a obra apresenta uma descrição significativa da estrutura de constituintes das frases em Português e dos seus padrões de ordem básica, analisando, pontualmente, construções em que se verifica uma alteração dessa ordem básica.

Não serão ainda consideradas obras como as de Óscar LOPES 1972 (*Gramática Simbólica do Português (um esboço)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa) e João PERES, 1984. *Elementos para uma Gramática Nova*. Livraria Almedina, Coimbra), visto que a análise Sintáctica (ou Morfo-sintáctica) é nelas praticamente inexistente.

- <sup>3</sup> Vejam-se ainda as obras de Mário BARRETO, 1911, e 1921, respectivamente: *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 2ª ed. aumentada Francisco Álvares, Rio de Janeiro, 1921, 3ª edição, Presença, Rio de Janeiro, 1980; *Novíssimos Estudos da língua Portuguesa*, 2ª ed, Francisco Álvares, Rio de Janeiro, 1924, 3ª ed. Presença, Rio de Janeiro, 1980

- <sup>4</sup> A definição de Gramática enquanto "estudo da língua como sistema de meios de expressão" ocorre em SAUSSURE 1916 *Cours de Linguistique Générale*, Payot, Paris 1964, 2ème partie, chap. VII,1. Charles Bally, discípulo de Saussure propõe como uma das disciplinas da Linguística, a Estilística, atribuindo-lhe a tarefa de estudar "os factos de expressão da linguagem organizada sob o ponto de vista do seu conteúdo afectivo" (cf. BALLY, Charles, *Traité de stylistique française*, Paris, 3ª ed. 1951.)

- <sup>5</sup> A influência da linguística estruturalista europeia está presente, nomeadamente, na divisão da obra em duas partes principais, cada uma delas se ocupando de uma das articulações da linguagem, proposta por Martinet: "A segunda articulação ou Fonologia" e a "Primeira articulação ou Morfologia" A influência da linguística Bloomfieldiana manifesta-se, por exemplo, na definição de "vocábulo formal" — unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres".

## Referências

- ALI, Manuel Said (s.d.) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- ALI, Manuel Said (s.d.) *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, 8ª ed., Edições Melhoramentos, São Paulo, Brasil, 1965.
- SAID ALI, Manuel 1908 *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª ed. corrigida e aumentada, Livraria Académica, Rio de Janeiro, Brasil, 1966.
- BARRETO, Mário 1911 *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 2ª ed. aumentada Francisco Álvares, Rio de Janeiro, 1921, 3ª edição, Presença, Rio de Janeiro, 1980.
- BARRETO, Mário 1921 *Novíssimos Estudos da língua Portuguesa*, 2ª ed, Francisco Álvares, Rio de Janeiro, 1924, 3ª ed. Presença, Rio de Janeiro, 1980.
- BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, 33ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, 1989.
- BECHARA, Evanildo 1960 *Lições de Português pela análise sintáctica*, 14ª ed. revista, Padrão – livraria editora, Rio de Janeiro, 1988.
- BLOOMFIELD, Leonard (1933) *Language*. Holt, Rinheart and Winston, New York.
- BUSSE, Winfried e Mário VILLELA 1986 *Gramática de Valências*. Livraria Almedina, Coimbra.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso 1970 *Estrutura da Língua Portuguesa*. Editora Vozes Lda, Petropolis, RJ, Brasil.
- CHOMSKY, Noam (1986) *Knowledge of Language*, Praeger, New York.
- CUESTA, Pilar Vásquez e Maria Albertina Mendes da LUZ 1949 *Gramática Portuguesa*, 2ª ed. Editorial Gredos, Madrid, 1961. Trad. Port. *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, Lisboa, 1971.
- CUNHA, Celso 1972 *Gramática do Português Contemporâneo*, Editora Bernardo Álvares, Belo Horizonte, Brasil.
- CUNHA, Celso e Luís F. CINTRA 1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DIAS, Epiphânio da Silva 1870 *Gramática Prática da Língua Portuguesa*. Tipografia do Jornal do Porto, Porto.
- DIAS, Epiphânio da Silva 1876 *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. Livraria Escolar. A. Ferreira Machado & Cª. Editores, Lisboa, 12ª ed. 1905.
- FERREIRA, J. Azevedo 1989 *Bibliografia Selectiva da Língua Portuguesa*; ICALP, Lisboa.
- LAPA, Manuel Rodrigues Lapa 1945 *Estilística da língua portuguesa*, 1ª ed., Seara Nova, Lisboa



- 11ª ed, revista, corrigida e aumentada, Coimbra Editora, Coimbra, 1984.
- LOPES, Óscar 1972 *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*.  
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE e Isabel Hub  
FARIA 1983 *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª edição aumentada e  
com a colaboração de Alina VILLALVA, Caminho, Lisboa, 1992.
- PERES, João A. 1984. *Elementos para uma Gramática Nova*. Livraria  
Almedina. Coimbra.
- PERES, João A. e Telmo MÓIA 1995 *Áreas Críticas da Língua Portu-  
guesa*, Caminho, Lisboa.
- PERINI, M. 1989 *Sintaxe Portuguesa – Metodologia e Funções*. Editora.  
Ática. São Paulo.
- QUIRK, Randolph e Sidney GREENBAUM , Geoffrey LEECH e Jan  
SVARTVIK 1972 *A Grammar of Contemporary English*. Longman.  
England.
- QUIRK, Randolph e Sidney GREENBAUM 1973 *A University Grammar  
of English* Longman. England.
- QUIRK, Randolph e Sidney GREENBAUM , Geoffrey LEECH e Jan  
SVARTVIK 1985 *A Comprehensive Grammar of English Language*.  
Longman. England.
- RAPOSO, Eduardo 1978 *Introdução à Gramática Generativa — Sintaxe  
do Português*. Moraes Editora, Lisboa.
- SINCLAIR et alii (eds) 1990 *English Grammar*, Collins Cobuild, Harper  
Collins Publishers, England.
- SAUSSURE, Ferdinand (1916) *Cours de Linguistique Générale*. (Publicado  
por Charles Bally e Albert Sechchaye). Payot, Paris 1964.